

Dar o primado a Deus nas nossas igrejas

Na exortação *Verbum Domini*, o Papa clarifica o sentido de “Palavras de Deus”, partindo do prólogo de Evangelho de S. João. Antes de mais, o Verbo eterno, Deus verdadeiro de Deus verdadeiro, Filho unigénito do Pai, gerado antes dos séculos, consubstancial ao Pai; que incarnou, no seio da Virgem Maria e se fez homem, tornando-se consubstancial a nós, Jesus Cristo. Neste sentido, comunicação de Deus, única e inédita, criadora de uma sinfonia de expressões referentes e recorrentes (cf. *Verbum Domini*, nº 7).

Este ponto de partida é não só essencial, mas normativo, a fim de não se misturar ou confundir “a Palavra”, com as palavras. É o Verbo, o próprio Deus que fez o homem à sua imagem e semelhança, a fim de que se tornasse verbo. Na expressão de Paulo VI, o Verbo fez-se carne para que a carne se tornasse verbo. Não se deve subverter com palavreado. «Compus o meu primeiro relato, ó Teófilo, a respeito de todas as coisas que Jesus fez e ensinou desde o início...» (Ac 1,1). De facto, com facilidade entendemos a palavra mais como discurso, do que como princípio activo e criativo. Como se Deus nos fizesse discursos ou sermões!

Assim, os Padres sinodais advertiram que se deverá ter em conta, não só o carácter analógico do uso da expressão “Palavra de Deus”, bem como “sinfonia” das expressões suas de uma única realidade: Verbo.

“Como afirmaram os Padres sinodais, encontramos-nos realmente perante um uso analógico da expressão «Palavra de Deus», e disto mesmo devemos estar conscientes. Por isso, é necessário que os fiéis sejam melhor formados para identificar os seus diversos significados e compreender o seu sentido unitário. E do ponto de vista teológico é preciso também aprofundar a articulação dos vários significados desta expressão, para que resplandeça melhor a unidade do plano divino e, neste, a centralidade da pessoa de Cristo”.

Centralidade de Cristo, revelador do Pai, Deus verdadeiro, Deus conosco, reconhecível na criação (no livro da natureza); na história da salvação (declarado e dado a conhecer pelo Espírito que falou pelos profetas); na Igreja (na esteira dos apóstolos, com a garantia do Espírito), convocada para anunciar a Palavra (Cristo vivo e vivificador) a todo o mundo; nas Escrituras inspiradas pelo Espírito Santo (antigo e novo testamento), o Cristo vivo, proclamado, escutado, lido, acolhido e vivido.

Nem sempre, nas nossas celebrações, se dá o devido valor à Palavra de Deus. Por vezes, é abafado pelas inúmeras e desconcertantes palavras dos homens. Com discursos admoestações e admoestações intermináveis, por quem não tem muita fé no Verbo criador, mas na multiplicidade de palavras. São deveras impressionantes os diferentes matizes excêntricos, desde a intervenção social à peroração filosófica ou política, até à extemporânea apologia administrativa corrente e organizativa (assuntos domésticos), senão quando ao show ou recreativa animação popular e, mais frequentemente, à exploração da devoção sentimentalista e excedentária. Neste contexto, a “Celebração” da Palavra (do Verbo) apresenta-se, por isso, como mero ensejo de reclame e não uma verdadeira celebração litúrgica.

Quantas vezes, se sente uma espécie de incómodo, sobretudo em casamentos e funerais, porque alguém pede para ler um texto porventura belo (nem sempre), ou transmitir um sentimento, absolutamente deslocado e desfocado, em que a palavra do homem frustra ou até invalida a palavra de Deus?! Esta observação pode aplicar-se quer a um texto quer a uma música.

Quando o bom senso não abunda, tudo se perde: até a Palavra de Deus. E os leitores? Bastaria serem interrogados sobre o que disseram para verificar a falsidade do efeito. Podem até ter lido bem, materialmente falando, mas nada foi comunicado nem a si, nem, conseqüentemente, aos outros. E quando nem isso aconteceu por deficiência de leitura, nada se passou! Os critérios de circunstância ou de pompa, nunca passarão de voluntarismo ou oportunismo. Só que nos deixam a sensação amarga de que é mais importante escolher a pessoa que lê... do que a função de quem lê para que, finalmente, seja Deus que fale.

Os Padres sinodais e o Papa insistiram no primado da Palavra de Deus. O leitor, na esteira dos profetas não proclama uma palavra que é sua. Não fala em nome próprio, mas em nome de Outro. Neste sentido não tem qualquer direito sobre o que anuncia, mas tão só uma obrigação (que resulta da fé). Isto requer preparação remota e próxima. Uma apurada técnica de comunicar e uma identificação pessoal com a Palavra que anuncia: Cristo!